

ANTONIO FERREIRA COELHO

MEU AVÔ PATERNO

Os netos, geralmente, pouco sabem da vida de seus avós, pois quando chegam à idade de perceber suas atividades profissionais, ou o que realmente são, e de aprecia-los além do carinho que dêles recebem, Deus os chama para a sua companhia. Como eu sou o mais velho dos seus netos ainda vivos, ousei, com a minha fraca retórica, transportar para o papel o que ficou em minha memória, da vida de meu ilustre e muito amado avô ANTONIO FERREIRA COELHO, para que seus descendentes, hoje já na quinta geração, não deixem de ter dêle algum conhecimento, embora seja apenas esta pálida lembrança que eu tento compor.

Tenho em minha biblioteca o opúsculo intitulado: "Inquietação Intelectual de Ferreira Coelho", da autoria do eminente jurista Paes Barreto Filho, em 1943, cujo autor, anos mais tarde, teve a gentileza e a feliz idéia de enviá-lo para mim. O opúsculo contém o discurso proferido por seu autor na ocasião em que tomava posse na Academia Espírito-Santense de Letras, ocupando a cadeira que tinha como patrono Antonio Ferreira Coelho.

Para enriquecer este modesto trabalho, tomei a liberdade de transcrever certos trechos de sua magnífica peça oratória, pela fidelidade com a qual sintetizou certos aspectos da vida de meu avô, tantas vezes recordados por meu pai José Ferreira Coelho, no saudosismo do tempo que viveu em Vila Velha, os quais a minha memória, já em avançada idade, insiste conservar.

\* \* \*

ANTONIO FERREIRA COELHO era filho de José Ferreira Coelho e Emilia Leopoldina Silva Coelho. Nasceu em Recife, PE, no dia 21 de setembro de 1860.

Iniciou o estudo primário no colégio "Bom Conselho" dirigido por Antonio Augusto Ferreira Lima; completou o curso de Humanidades no colégio "São José" dirigido por Augusto Higino de Miranda. Matriculou-se na Faculdade de Direito de Recife, PE, em 15 de março de 1880 e recebeu o grau de Bacharel em 19 de março de 1884, antes de completar 23 anos de idade.

Quando cursava o segundo ano da Faculdade, em 1881, foi Oficial de Gabinete do Governador da província do Rio Grande do Norte, Dr. Arthur Corrêa de Araujo.

Colaborou em vários jornais e revistas no período acadêmico. Foi redator do "Binóculo" de propriedade de Seixas Borges e de "Opinião" de Thomas Aroxa. Foi redator e proprietário do "Eschola" e do "Vigilante". Gostava de jornalismo e colaborou com outros jornais em Vitória, ES, escrevendo artigos veementes.

Exerceu as funções de Promotor Público na comarca de Macau, RN, (1884-85). Foi Juiz Municipal e de Órfãos na comarca de Tubarão, SC, (1885-89) e Juiz de Direito da comarca de Maragogi, AL, (1889-91). Transferido pelo Governo Federal para a comarca de Benevente, ES, (hoje Anchieta), ali permaneceu (1891-92), passando depois para a comarca de Viana, ES, em 1892, onde ficou pouco tempo por ter sido designado para instalar a comarca de Barra de São Matheus, ES. Ali permaneceu até 1895 quando foi nomeado para Juiz da Côrte de Justiça, em Vitória. Em 24 de julho de 1896, pela resolução 46 da própria Côrte de Justiça, segundo a Constituição Muniz Freire, foi nomeado Ministro da Côrte de Justiça.

Em 28 de fevereiro de 1899 foi nomeado pela referida Côrte, Delegado da mesma ao Congresso Jurídico Americano, convocado pelo Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, realizado no Rio de Janeiro. Tomou parte em outro Congresso em 1905. Em 1906 foi comissionado pelo Governo do Estado para codificar as leis do processo civil, criminal e orfanológico. Em 1908 tomou parte no Congresso Jurídico Brasileiro, no Rio de Janeiro, DF. Em 1910 deu importante con-

tribuição ao Congresso Internacional de Americanistas, reunido em Buenos Ayres, na República Argentina.

Foi eleito quatro vezes Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo: 1907, 1920, 1921 e 1923.

Foi aposentado pelo Decreto nº 6740 de 31 de março de 1925.

Escreveu, mas não chegou a publicar, os seguintes trabalhos: Dicionário de Direito Civil; Brasil Pitoresco; Viagem à volta do Mundo; Estudos astronômicos; o Cometa Halley; História do convento de Nossa Senhora da Penha do Espírito Santo; Céu do Brasil; Princípios de Direito Internacional; Prontuário do Código Civil; e inúmeros dramas e comédias para teatro, que foram representados.

\* \* \*

ANTONIO FERREIRA COELHO casou em 1885, em Recife, PE, com Maria Catharina de Serpa Brandão, filha de Gelim de Serpa Brandão e Joaquina Rita de Albuquerque Brandão. Ao casar, "Mariquinhas", como era conhecida em família, mudou o seu nome para MARIA CATHARINA BRANDÃO COELHO.

O casal teve 9 filhos:

1 - MARIA EMILIA FERREIRA COELHO, (1886-19 ), mais conhecida na intimidade como "Marieta", nasceu em Tubarão, SC, e faleceu em Recife, PE. Casou com Francisco Xavier Carneiro da Cunha, comerciante, proprietário de uma Drogeria, em Recife. Mudou o seu nome para Maria Emilia Carneiro da Cunha. O casal teve quatro filhos: Luiz Carneiro da Cunha (1902-19 ); Maria da Conceição Carneiro da Cunha (1903-19 ), que casou com Luiz Dourado de Albuquerque Maranhão, com o qual teve uma filha; viúva, casou pela segunda vez com o Engenheiro Carlos Rodrigues de Paiva, com o qual teve outra filha. Ilza Carneiro da Cunha (19 - 19 ) que casou com Gaston Baptista de Siqueira Carvalho e teve três filhas e um filho. Francisco Xavier Carneiro da Cunha Filho, (19 -19 ) que teve vida efêmera. Todos nasceram em Recife, PE.

2 - JOSÉ FERREIRA COELHO, (1888-1939), tratado em família por "Coelhinho" nasceu em Tubarão, SC, e faleceu no Rio de Janeiro, DF. Advogado da turma de 1911 da Faculdade de Direito de Recife, PE, onde casou a 5 de janeiro de 1910 com Lilia Pitanga Santos, (1887-1974), filha de João Luiz dos Santos e Maria da Conceição Pitanga Santos. Tiveram quatro filhos: Fernando Santos Ferreira Coelho (1911), que casou com Odette Sá Corrêa de Azevedo, (1913-1979) e tiveram duas filhas; José Ferreira Coelho Filho, (1912-1963), que casou com Conceição Pezzenti, sem geração; Antonio Luiz Ferreira Coelho (1915-1982), que casou com Neina Gonçalves Gismonti, (1922) e tiveram duas filhas e um filho; e Eliane Santos Ferreira Coelho (1917-1983), que casou com Gilberto Costa Senna, (1915-1991) e tiveram dois filhos e uma filha. Os três homens nasceram em Recife, PE, e Eliane nasceu em Olinda, PE.

3 - FRANCISCO FERREIRA COELHO, (1889-1952), tratado em família por "Chico", nasceu em Tubarão, SC. Exercia a função de Fiscal de Rendas da Fazenda Nacional. Casou no Espírito Santo com Maria Laranja, (1905-1972), filha de Pedro Gonçalves Laranja e Maria Duartes Laranja. Tiveram dois filhos: Maria Catharina Ferreira Coelho, (1925), que casou com Antonio Bernardes da Silveira (1917-1978) e tiveram três filhos e três filhas; Oscar Ferreira Coelho (1926-1971), que casou com Dulce Gonçalves e tiveram duas filhas e um filho. Os filhos de Chico e Maria nasceram em Vila Velha, ES.

4 - MARIA JOSÉ FERREIRA COELHO, (1891-19 ), tratada em família como "Mariasinha", nasceu no Espírito Santo. Casou a primeira vez em Recife com o Advogado Antonio Luiz Pitanga dos Santos (1889-1914), filho de João Luiz dos Santos e Maria da Conceição Pitanga Santos. Tiveram três filhos: Maria da Conceição Coelho dos Santos, (1911-1987), que casou com Ernesto Groth (1897-1952), e



tiveram dois filhos e uma filha: Ernesto Groth (1936), que casou com Regina Helena Freitas do Val (1941), e tiveram três filhas; Suzana Groth, (1938), que casou com Eric Bringolf e tiveram dois filhos; e João Groth, (1941), que casou com Marisa Costa, (1943), gerando um filho e uma filha. Maria Luíza Coelho dos Santos, (1913-1992), que casou com Luiz Manoel Vellozo, (1904-1973), e tiveram quatro filhas. Antonio Luiz Coelho dos Santos, (1914-1983), que casou com Irisylvia Gomes Botelho, (1914-1982), e tiveram quatro filhos.

Maria José, casou-se a segunda vez com Amynthas Coutinho dos Santos, nascido em 1899 e falecido no Espírito Santo, com o qual teve mais dois filhos: José Coelho dos Santos, (1917-1985), que casou a primeira vez com Liese-Lotte de Carvalho e teve dois filhos e duas filhas. Casou a segunda vez com Luzia Maia Diniz (1925), com quem teve um filho e cinco filhas. Maria de Lourdes Coelho dos Santos, (1919-199 ), que casou com Jayme Guimarães (1907-19 ) e teve quatro filhos e uma filha.

5 - ELIAS FERREIRA COELHO, (1892-1935), nascido no Rio de Janeiro, DF. Exercia o cargo de Fiscal de Rendas da Fazenda Nacional. Casou no Espírito Santo com Eudyla Guimarães, (Nenzinha), (1892-1948), filha de Manoel Joaquim Guimarães e Estefânia Lima Guimarães. Tiveram quatro filhos: Maria Estefânia Ferreira Coelho, (1920), que casou com Olympio Siqueira Rangel (1916), e tiveram quatro filhos e três filhas. Antonio Geraldo Ferreira Coelho, (1923-1929). Maria do Carmo Ferreira Coelho, (1924), que casou com Oswaldo Horta Aguirre (1917-1988). Tiveram dois homens e duas mulheres. Maria Beatriz Ferreira Coelho, (1934), solteira.

6 - ANTONIO MATHEUS FERREIRA COELHO, (1898-1931), nascido em Vila Velha, ES. Era Fiscal de Rendas da Fazenda Nacional. Casou com sua prima Esther Coelho de Souza, (1894-1975), filha de Francisco Taciano de Souza e Maria Clara Ferreira Coelho, conhecida como "Doninha", irmã do Desembargador Antonio Ferreira Coelho. Tiveram dois filhos: Paulo José Ferreira Coelho, (1921), que casou com Maria José de Moura Estevão, (1924) e tiveram um filho e duas filhas. Geraldo Luiz Ferreira Coelho, (1925-1992), que casou com Ione Amaral de Souza, (1923), e tiveram quatro filhos e uma filha.

7 - PAULO FERREIRA COELHO, (1899), que teve pouco tempo de vida.

8 - MARIA DA PENHA FERREIRA COELHO, (1900-1984), nascida em Vila Velha, ES. Casou com José Severino Ferreira, filho de José Araujo Ferreira e Manoela Ferreira, falecido em 1942. Tiveram três filhos: Antonio José Coelho Ferreira (1922-1982) que casou com Nelita Pimentel, (19 ) e tiveram um filho e uma filha. Mario José Coelho Ferreira, (1924) que teve poucos momentos de vida; e Maria Thereza Coelho Ferreira, (1926), que casou com Edgard Faria Santos, (1920) e tiveram dois filhos gêmeos.

9 - DEMÉTRIO FERREIRA COELHO, (1904-1955), nascido em Vila Velha, ES. Era Fiscal de Rendas da Fazenda Nacional. Casou-se com Carolina de Oliveira (19 -19 ), filha de Alfredo Bartholomeu da Silva Oliveira e Augustine Taverner de Oliveira. Tiveram três filhos: José Luiz de Oliveira Ferreira Coelho (1929) que casou com Maria Helena de Araujo Cintra (1931), e tiveram duas filhas; Renato de Oliveira Ferreira Coelho, (1931), que casou com Hilda Maria Mendes de Quadros, (1939), e tiveram três filhas e um filho. Maria Aparecida de Oliveira Ferreira Coelho, (1932), que casou com Carlos Martins Moreira (1928 - 1992), e tiveram dois filhos.

A árvore genealógica de Antonio Ferreira Coelho e Maria Catharina Brandão Coelho, até 1996, está composta com cerca de trezentos descendentes, já na quinta geração.

Em seu discurso, na posse da Academia Espírito-Santense de Letras, Paes Barreto Filho, com a elegância de sua oratória, resume a figura de meu avô com palavras de tal fidelidade, que foram por mim adotadas. Dizia êle:

"Ferreira Coelho foi dêsse espíritos de elite que se projetam sôbre o seu tempo de forma indelével."

"E era de ver-se-lhe a dignidade gloriosa de seu porte físico e intelectual. Homem bonito, à maneira de Nabuco, Ferreira Coelho infundia dêsde logo, uma profunda simpatia. E a sua palavra erudita, a sua causerie sedutora, fazia do seu convívio uma necessidade para os que tiveram a ventura de conhecê-lo".

"Tradicional também a sua austeridade de juiz. Solene, empertigado, trajando usualmente sobrecasaca e cartola, o meu simpático patrono era um vulto que se destacava pela sua respeitabilidade."

"E na colenda Casa da Justiça, êle sereno, pontificava consciente de praticar um dos mais augustos apostolados."

"Foi um juiz perfeito: culto, trabalhador, inteligente. Judicava (sic)es crupulosamente. Parece que êle tinha sempre em mente a assertiva de KANT: 'se a justiça perecer, não ha mais razão para que os homens vivam sôbre a Terra.'"

"Encaneceu ao serviço da Justiça e deixou a toga, que muito honrou, quando ocupava o mais alto cargo do judiciário capichaba, enobrecido por um sublime sacerdócio."

"E nem uma dobra a quebrar a verticalidade das linhas de sua toga impoluta, nem u'a mancha a sombrear a alvura imaculada do arminho simbólico."

"Ferreira Coelho foi também, um homem profundamente social. A sua casa em Vila Velha era frequentada pelos do seu tempo. Ali se realizaram saraus. Dentro do austero juiz-jurista existia uma profunda dose de sensu of humor. Êle sabia com WORDS WORTH que nós vivemos by love, hope and admiration. Dizia êle com veia humorística que todo Coelho tem a sua toca. Ele também teria uma. Batizou, então, um logarejo próximo de Vila Velha, de Toca e ali construiu aprazível vivenda de verão, onde recepcionava, no dia de Santo Antonio, os amigos do seu numeroso círculo de relações. Essas festas se destendiam por vários dias. Um zonofone, de corneta vermelha enchia os ares com os fanhosos discos da Casa Edison. Vez em quando, as músicas enrouqueciam demasiado, mas um dos convidados solícitos corria a dar nova corda no zonofone manhoso..."

"Na Toca, situada no meio de um pomar verdeengo, donde se destacavam duas palmeiras de cabeleira revolta, havia um pouco da alma brasileira do norte. Era o "coco", o "congo", os desafios espirituosos da roda de "ciranda-cirandinha". E na alacre mocidade dos desafios, já se revelavam os grandes vates da terra, os cronistas suaves da elegância e da vida social, os renomados intelectuais do mundo capichaba. Agora era o violão romântico que gemia na pérgola em semi-penumbra, onde a luz de prata da lua, dava mais realce a noitada de arte. E, depois a festa, se bandeava para os salões, sempre no meio de alegria, música e inteligência."

"Noutras épocas do ano havia presepe, (sic) festa da Lapinha, festa do Boi, dos Reis Magos, um famoso teatrinho e as animadas pastorinhas, com seus cordões vermelho e azul e as torcidas inveteradas."

"A Toca, que ainda existe, e a residência de Ferreira Coelho em Vila-Velha eram oasis encantados onde o haute-gomme capichaba se reunia para momentos de doce convívio e requintado prazer espiritual."

"Êle introduziu, naquele recuado tempo em que a vida se circunserivia mais no âmbito estritamente familiar, muitos dos costume típicamente nortistas. Foi um bem humorado plantador de brasilidade."



O Dr. Praxedes Gomes de Souza Pitanga, Médico do Exército, que era viúvo, casou pela segunda vez em Recife, com Lilia Coelho de Serpa Brandão, que era irmã de Gelim de Serpa Brandão, pai de Maria Catharina de Serpa Brandão, esposa de Antonio Ferreira Coelho.

Maria da Conceição de Souza Pitanga, filha do segundo casamento do Dr. Praxedes, casou em Recife com João Luiz dos Santos, que eram pais de Lilia Pitanga Santos e Antonio Luiz Pitanga dos Santos, que casaram, respectivamente, com José Ferreira Coelho e Maria José Ferreira Coelho, ambos filhos de Antonio Ferreira Coelho, como já foi descrito anteriormente. Havia, portanto, um certo grau de parentesco, que, naturalmente, aproximou e reuniu com laços mais fortes as famílias Santos e Ferreira Coelho.

José Ferreira Coelho quis seguir a mesma carreira de seu pai e matriculou-se na Faculdade de Direito de Recife, onde obteve o grau de Bacharel, na turma de 1911. Na mesma Faculdade já tinha se formado na turma de 1909, Antonio Luiz Pitanga dos Santos.

Em 1910, quando cursava a Faculdade de Direito, no quarto ano, José Ferreira Coelho foi designado para o cargo de Promotor de Justiça na comarca de Guarapari, ES, para onde seguiu depois de casar em 5 de janeiro de 1910, com Lilia Pitanga Santos.

Naturalmente, a viagem de Recife para Vitória foi feita em navio, mas, a ida de Vitória para Guarapari, eu nunca soube como foi feita. Lembro que minha mãe dizia que as viagens que fazia no Espírito Santo, eram todas a cavalo. O fato é que minha mãe sofreu o impacto da mudança; saía de uma cidade já em adiantado estado de civilização, onde vivia muito bem instalada, para uma cidade, que não era mais do que uma vila pitoresca à beira do mar, enfeitada por coqueiros e suas belas praias de areias monazíticas, desprovida de recursos, com grande parte da população ainda indígena, afastada de Vila Velha, cerca de 60 quilômetros!

Em Guarapari, no fim de 1910 ou princípio de 1911, Lilia deu a luz a uma menina, que por falta de recursos locais, não sobreviveu. Nos fins de 1911, José Ferreira Coelho teve que voltar a Recife para terminar o seu curso na Faculdade de Direito, com sua esposa novamente grávida, e instalou-se na bela mansão de seu sogro, na Estrada da Ponte d'Uchôa, bem em frente à pequena estação de trem suburbano, ou "maxambomba", como o povo alcunhara o eficiente transporte coletivo. Ali, no dia 6 de dezembro de 1911, eu nasci.

Em 1912, agora acompanhado de mulher e filho, José Ferreira Coelho voltou para Guarapari, onde continuou a exercer as funções de Promotor de Justiça. A volta para uma cidade de poucos recursos, agora com um filho no colo, deve ter traumatizado a minha mãe que ficou sem leite para me alimentar. Uma índia, das muitas existentes no local, serviu-me de ama de leite.

Esta foi a primeira vez que eu estive no Espírito Santo, sem poder apreciar as maravilhas daquela terra que tanto encantavam meu pai e enchiam de desgosto a minha mãe. Nesta ocasião, meu avô Antonio Ferreira Coelho, exercia o cargo de Ministro da Corte de Justiça, em Vitória, ES.

Após a estadia passageira no Espírito Santo, meu pai foi designado para exercer as funções de Juiz substituto na comarca de Cachoeira, na ilha de Marajó, PA. Minha mãe, novamente grávida, ficou em Recife, em casa de seu pai, e ali nasceram meus dois irmãos, José e Antonio Luiz, depois que meu pai voltou do Pará para ser Juiz em Olinda, PE, onde nasceu minha irmã Eliane.

Em 1917, com a primeira guerra mundial ainda em ação na Europa, José Ferreira Coelho foi designado para exercer as funções de Promotor de Justiça em Poços de Caldas, MG. A família, agora constituída de seis pessoas e mais uma empregada, embarcou no "Itaberá", desembarcou no Rio de Janeiro e prosseguiu a

viagem, de trem até São paulo, SP, e dali para Poços de Caldas, cidade de Minas Gerais, com fontes de águas sulfurosas, situada a mais de mil metros de altitude. Lembro que ali atravessamos um inverno tão rigoroso que enchia as árvores de pingentes de gelo, e, pela manhã havia necessidade de aquecer os dutos da canalização de água para que a mesma brotasse das torneiras.

Mais ou menos na mesma ocasião, a firma pernambucana Pereira Carneiro & Cia., da qual fazia parte como sócio, o meu avô João Luiz dos Santos, reorganizou-se como Companhia Comércio e Navegação, adquiriu no Rio de Janeiro, todo o acervo do "Jornal do Brasil" e transferiu sua sede para a capital da República, instalando-se no belo prédio da Avenida Rio Branco 110-112, considerado na época como o prédio mais alto da America do Sul. Um dos sócios da firma era o Coronel Anthero Pinto de Almeida, velho e dileto amigo de Antonio Ferreira Coelho.

Meu pai estava com sua saúde abalada por uma insuficiência da válvula mitral de seu coração; insuficiência que devia lhe pesar no exercício de sua oratória como Promotor de Justiça. Talvez por esta razão, não titubeou em aceitar o convite que lhe fez meu avô João Luiz, para trabalhar na Companhia Comércio e Navegação e no Jornal do Brasil. Demitiu-se de suas funções jurídicas e, em consequência, veio de Poços de Caldas para fixar sua residência no Rio de Janeiro.

\* \* \*

Foi no Rio de Janeiro, no fim da segunda década do século XX, que eu passei a tomar contacto com os componentes da família Ferreira Coelho, além dos poucos que existiam em Pernambuco, da familia de Maria Emilia, irmã de meu pai.

Recordo-me de ter ido visitar o meu avô Ferreira Coelho que estava morando em uma casa grande, com jardim, na rua Paula Mattos, em Santa Teresa. Não sei porque estava morando ali, na ocasião em que ainda exercia seu cargo no Tribunal de Justiça no Espírito Santo. Tenho a impressão que a visita foi feita nos primeiros anos da década de 20. pois em casa de meu avô estavam também sua filha Maria da Penha e seu filho Demetrio, ainda solteiros, e mais os netos, Maria da Conceição Coelho dos Santos, Maria Luiza Coelho dos Santos e Antonio Luiz Coelho dos Santos, que estavam vestidos de preto, de luto pelo falecimento recente de sua mãe, Maria José. Aos netos foi feita a recomendação de não perturbar a vovó Mariquinhas que não estava bem de saúde. Meu avô, que era um homem calmo, bondoso, carinhoso, conquistava de imediato, a admiração e o amor de seus netos; percebi que os seus três netos órfãos o chamavam "papai!"

Lembro-me também que foi das alturas de Santa Teresa, que, juntos com meu pai, assistimos a chegada do Rei Alberto I da Bélgica, na baía de Guanabara, viajando em um navio da Armada de seu país. Foi em 1922, quando se comemorava no Rio de Janeiro o primeiro centenário da independência do Brasil. Fazendo parte das comemorações da grande data, foi realizada uma exposição na área conquistada com o desmonte do Morro do Castelo, onde grande número de países construíram seus pavilhões de amostras. Meu pai, que era um homem de habilidade invulgar, fez uma maquete do prédio do "Jornal do Brasil", com 82 centímetros de altura e a expôs no pavilhão do Brasil. Seu trabalho foi agraciado com um diploma e uma medalha, que ainda tenho em meu poder.

Minha avó Maria Catharina, que já tinha tido a infelicidade de perder a sua filha mais velha, Maria Emilia, em Pernambuco, sofria agora com a perda recente de sua segunda filha Maria José. Seu estado de saúde se agravou e provocou o seu falecimento em 1925. Seu corpo repousa no cemitério de Vila Velha, ES. Infelizmente, seus netos pouco lidaram com ela.

\* \* \*



Após a morte de sua esposa e de ter se aposentado na magistratura, o Desembargador Ferreira Coelho deixou sua boa residência em Vila Velha e transferiu-se para o Rio de Janeiro. Contando com a cooperação de seu filho José, de meu avô João Luiz dos Santos e de seu amigo Anthero Pinto de Almeida, que trabalhavam no Jornal do Brasil e na Companhia Comércio e Navegação, montou um escritório no 4º andar do prédio sede das referidas organizações, na Avenida Rio Branco 110.

Naquela ocasião eu era estudante de "preparatórios"; isto é, estudava as diversas matérias que compunham o curso ginásial e científico, em cursos particulares e fazia o exame das mesmas, no Colégio Pedro II, para creditar-me aos exames vestibulares de acesso ao curso superior. Inúmeras vezes subi ao primeiro andar daquele prédio da Avenida Rio Branco, para ver o meu avô Santos e ao quarto andar para ver o meu avô Coelho. Sempre encontrava o Desembargador sentado, frente à sua escrivaninha, entupida de papéis rascunhados e outros documentos, no trabalho monumental que vinha realizando: "Código Civil dos Estados Unidos do Brasil, comparado, comentado e analisado". Eu tinha noção da importância de sua obra, pelos comentários que ouvia de meu pai, e pelo interesse que alguns dos meus amigos, futuros estudantes de Direito, demonstravam pelo assunto, na ânsia de obterem, por meu intermédio, exemplares dos volumes já publicados, que o meu avô, generoso, não deixava de oferecer.

\* \* \*

Devido às minhas tendências para as artes, desde que eu era aluno do Colégio Emulação, na Tijuca, onde fiz o curso primário, decidi que eu seria um Engenheiro Arquiteto. Meus pais sabiam das minhas intenções e a aprovavam. Mas, em 1929, quando já me preparava para fazer o curso de Arquitetura, passei pela casa de Odette, a moça que eu amava e tinha intenções de torna-la minha esposa, para lhe dizer que eu ia acidade tratar do assunto. Ela e eu morávamos na mesma rua Capitão Salomão, em Botafogo. D. Luiza, mãe de Odette, que era casada pela segunda vez, com um oficial do Exército da arma de Aviação, resolveu convencer-me a entrar para a Escola Militar do Realengo. Aquilo nunca tinha passado pela minha cabeça e eu nem sabia bem, o que fazia um Oficial do Exército... Tentando me interessar, dizia a minha futura sogra:

- Com os mesmos documentos que você vai utilizar para entrar na escola de engenharia, você entra para o "Curso Preparatório", anexo à Escola Militar; mas, tem uma exigência, como o curso é feito na mesma Escola, você vai ter que entrar para o Exército, o que requer uma prévia inspeção de saúde rigorosa, e tem mais um inconveniente, todo aluno da Escola Militar, no curso preparatório ou no curso fundamental é interno, só tem saída aos sábados... mas, ha uma compensação, a Escola lhe fornece toda roupa de uso, os uniformes, calçados, casa, roupa e comida de graça...e no fim do mês ainda recebe um pequeno soldo...

A idéia despertou-me o interesse. Pensei no assunto. e perguntei:

- E depois que eu sair da Escola Militar?

- Você não sai mais do Exército! Vai prosseguindo na carreira, sendo promovido, tirando outros cursos, até chegar a General...É uma bela carreira...

Os neurônios excitaram-se em minha cabeça. Aquela conversa estava alterando radicalmente a idéia sobre o meu futuro. Comecei a pensar: era uma oportunidade para amenizar as despesas de meu pai... além disto, eu poderia me casar pouco depois que me formasse... E decidi seguir o consêlho de D. Luiza.

Quando comuniquei aos meus pais a decisão que eu havia tomado, minha mãe reagiu bruscamente:

- Que besteira é esta menino?!... Militar é rapa-pé... não é coisa que preste!...

Meu pai, mais calmo, concordou comigo. Fiquei ressabiado com a reação de



minha mãe, porém não mudei de idéia, ia seguir a carreira militar!

Em fevereiro de 1930, depois que eu tinha assegurado a minha matrícula na Escola Militar por ter sido aprovado na inspeção de saúde à qual fui submetido, resolvi ir ao escritório de meu avô Ferreira Coelho para lhe dar a notícia, tão auspiciosa para mim. Encontrei-o como sempre, mergulhado em suas lucubrações, como êle mesmo dizia. Não sabia como iria receber a notícia. O seu sorriso ao receber-me, encorajou-me, e feliz eu lhe disse:

- Meu avô, vim lhe comunicar que vou entrar para a Escola Militar do Realengo... Vou ser Oficial do Exército...

O desembargador soltou a caneta de sua mão como se tivesse sido atingido por um raio, olhou-me sério e disse zangado:

- Escola Militar?!... Póde se retirar d'aquí!... Não é mais meu neto!...

Agora, quem recebia o choque era eu. Fiquei parado, não acreditando nas palavras que acabara de ouvir. Para não piorar o assunto, decidi retirar-me, e ao despedir-me êle não respondeu. Saí amargurado de seu escritório pensando na sua reação. Era a primeira vez que eu o via zangado.

Poucos meses depois, eu já aluno da Escola Militar, por um motivo que a memória não fixou, os Cadetes tiveram uma dispensa no meio de uma semana. Eu passava fardado pela Avenida Rio Branco próximo ao Jornal do Brasil, quando resolvi fazer uma visita ao meu avô Ferreira Coelho... suas últimas palavras ainda estavam em minha memória... Subi ao quarto andar e entrei em seu gabinete. Ao me ver o Desembargador olhou-me sério. Apresentei-me sorrindo:

- Pronto! Cadete 420 da 2ª companhia da Escola Militar!

Meu avô estampou um sorriso em seu rosto, mediu-me dos pés à cabeça envolvido em um uniforme cáqui de túnica, culote, perneiras e borzeguins, em posição marcial, e disse sorrindo:

- Sabe que você está parecendo um General?

Sorri aliviado e respondi:

- Estou começando o caminho...

Meu avô passou a rebuscar alguma coisa no meio dos papéis que enchiam a sua mesa e finalmente encontrou uma cédula de cinquenta mil réis que colocou a morosamente em minhas mãos, dizendo:

- Tome... Agora precisa arranjar uma garôta!

- Ora meu avô, muito obrigado!... A garôta eu ja tenho... com isto vou comprar um presente para ela...

E retirei-me aliviado e feliz de seu escritório.

\* \* \*

Durante o meu tempo de Cadete, tive poucas oportunidades de estar com o meu avô. Soube por meu pai que êle havia se "casado" novamente com uma senhora chamada Celina e que estava residindo na casa dela, uma bela mansão, na rua Icatú, próxima ao Largo dos Leões.

Em 1933 eu estava cursando o último ano da Escola Militar e meus pais tinham mudado sua residência para uma boa casa que fazia parte de uma pequena avenida situada na Praia de Botafogo, entre as esquinas das ruas Voluntarios da Pátria e São Clemente.

O dia 27 de maio era um sábado, dia de saída na Escola Militar. Na formatura da hora de embarque no trem especial, eu estava sentindo calafrios, embora estivesse fardado com o uniforme azul marinho do novo plano de uniformes. Era um uniforme quente. Quando cheguei à nossa casa eu estava ardendo em febre. No domingo o meu estado piorou e fiquei sem condições de voltar para a Escola. O tifo, uma moléstia grave naquêle tempo, tinha me atacado. Dois dias depois a febre alta tornou-me inconsciente e meu pai comunicou o meu estado ao Comando da Escola Militar. O Comandante, General José Pessoa Cavalcante de Albuquerque



mandou um médico da escola à minha casa para verificar o meu estado e, se houvesse necessidade, providenciar a minha transferência para o Hospital Central do Exército. Constatando que eu estava sob os cuidados do Dr. Vicente Bicudo de Castro, concordou com o tratamento em casa de meus pais.

Meu estado de saúde foi se agravando e passei a ter hemorragias intestinais. O Dr. Bicudo constatou que eu estava com poucas esperanças de vida; aplicou uma injeção de sôro em minhas veias e passou a cuidar de me pai, com sua insuficiência cardíaca. Foi uma noite de desespero.

E foi nesta noite, que o meu avô Ferreira Coelho, preocupado com o meu estado de saúde, e com suas consequências na saúde de meu pai, resolveu telefonar para obter notícias. Estavam todos cansados e atendeu ao telefone a nossa antiga empregada Luiza, uma escurinha bondosa e dedicada à família, mas, de pouco tino. E foi informando de forma realista:

- Dr. Coelho, acho que o Fernando está morrendo... êle está muito mal!.. o médico está cuidando do Dr. Coelhinho que também está passando mal...

Acabrunhado, meu avô desligou o telefone. Pouco tempo depois um enfarte o fulminou! Era 14 de junho de 1933.

Meu pai e eu conseguimos nos recuperar, mas, só no início do mês de julho, passei a perceber que eu estava vivo, e acamado. A convalescença foi morosa e eu tive que aprender a andar novamente. O Ministro da Guerra, General Augusto do Espírito-Santo Cardoso, constatando que o Comandante da Escola Militar tinha me desligado da mesma, por ter mais de trinta faltas justificadas, ordenou que eu fôsse reintegrado no Corpo de Cadetes, ao qual voltei no dia 10 de agosto do mesmo ano, conseguindo, com certo esforço, sair Aspirante, no dia 25 de janeiro de 1934, sem perder a minha turma.

Durante a minha convalescença, minha mãe foi contando para mim tudo que tinha acontecido durante a enfermidade, mas ninguém da família fez qualquer referência ao falecimento de meu avô. Sômente tomei conhecimento do fato quando surpreendi o meu pai com uma gravata preta, em sinal de luto, e ainda triste, explicou-me o motivo.

\* \* \*

José Ferreira Coelho, foi o testamenteiro dos bens deixados por meu avô. Sua casa, em Vila Velha, na rua Luciano das Neves, tinha sido cedida pelo Desembargador para uma congregação de freiras que ali instalaram o Colégio São José; os herdeiros de Ferreira Coelho doaram o imóvel para o Colégio que, até a presente data, (1996), ainda funciona no mesmo local. A casa e os terrenos da Toca, ficaram na posse de Francisco Ferreira Coelho, que ali residia com a sua família e estava com deficiências na visão.

Eu não conhecia o Espírito Santo, pois a única unidade do Exército que existia ali era o 3º Batalhão de Caçadores, (hoje 38º Batalhão de Infantaria), e eu era Oficial de Artilharia. Em 1944, ainda durante a segunda guerra mundial, eu estava exercendo as funções de instrutor na Escola de Artilharia de Costa, na Fortaleza de São João, na Urca, Rio de Janeiro, quando fui transferido para o 1º Grupo Móvel de Artilharia de Costa, com séde na Ilha de Fernando de Noronha. Eu era Capitão e recebi ordens para permanecer na Escola até o fim do período escolar que terminava em outubro.

Embora a transferência para Fernando de Noronha me obrigasse a deixar a família morando em Recife, eu estava conformado, pois teria oportunidade de rever a casa de meus avós, onde eu nasci e passei o início de meus tempos de menino. Entretanto, quando já me preparava para seguir meu destino, recebi a comunicação que a minha Unidade tinha sido transferida para Vitória, para onde deveria me dirigir com urgência, pois tratava-se de melhorar a defesa do pôrto



daquela cidade. Finalmente eu iria ter oportunidade de conhecer a terra dos sonhos de meu pai. São coisas do destino...

Preparando a viagem, fiquei sabendo que havia dificuldade de moradia na cidade, assim, decidi seguir sozinho para Vitória, até que encontrasse uma casa onde pudesse alojar a minha família. No dia 4 de outubro de 1944, embarquei de trem noturno para Campos, RJ, onde, ao amanhecer do dia, passei da cabine para um carro de poltronas que seguia para Vitória.

Quando o trem ia se aproximando da estação de Cachoeiro do Itapemirim, eu vi um senhor de boa aparência que atravessava o carro, tropeçar em minha mala que estava ao lado da minha poltrona, e de certa forma, estorvava o caminho.

O senhor parou, olhou para a mala, cuja capa estampava o meu nome, olhou para mim e perguntou:

- O senhor é parente do Desembargador Ferreira Coelho ?

- Sim senhor... Atualmente sou o seu neto mais velho...

- Vai para Cachoeiro?

- Não, vou para Vitória... Vou servir no quartel da Artilharia que foi transferido para lá...

O meu interlocutor resolveu apresentar-se. Disse o seu nome, mas, infelizmente, não o tenho na memória. Repentinamente disse para mim:

- Vamos descer em Cachoeiro, lá me espera um carro de um amigo para levar-me a Vitória.

- Mas.. não quero lhe perturbar...

- Nada disto!... O senhor não vai continuar neste trem horroroso que só consegue chegar a Vitória muito tarde, assim mesmo quando Deus permite ! De Cachoeiro eu e meu amigo vamos de automóvel para Vitória e tem lugar para todos.

Neste momento o trem parou na estação. O senhor sem esperar a minha decisão, pegou a minha mala e disse:

- Vamos descer...

Eu estava hesitante, mas aquele decidido senhor tinha apanhado a minha mala; só me restava segui-lo, pois já estava em terra. Desci do trem e o acompanhei. O seu amigo, com um bom automóvel, já o esperava. Apresentou-me como se eu fôsse um velho conhecido e em pouco tempo já estávamos no caminho para Vitória, rodando sobre uma estrada que ainda não era asfaltada, mas estava bem conservada. Durante a viagem fomos conversando sobre a família Ferreira Coelho. Perguntou-me de quem eu era filho:

- De José Ferreira Coelho, o Advogado.

- Conheci o seu pai... o vi pela última vez em Vila Velha, nunca mais o encontrei...

- Meu pai faleceu no dia 30 de junho de 1939, no Rio de Janeiro. Infelizmente, nesse dia eu estava servindo em Aquidauana, em Mato Grosso, e não pude acompanhá-lo nos seus últimos momentos. Estava com 51 anos.

- Foi uma pena, podia ter continuado a obra do Desembargador. Era um homem inteligente, com o mesmo espírito do pai... Também conheci bem o Elias... outro homem vivo e inteligente... Morreu muito moço !

- Realmente, tio Elias era um homem extraordinário. Faleceu com 43 anos de idade, vítima de cancer no sistema linfático... Sua esposa, Nenzinha, ainda está viva e mora em Vila Velha. Morei com ele durante seis meses, em Juiz de Fora, logo que saí da Escola Militar, e fui servir no quartel da Artilharia, que ali existia, aliás, por insinuação dele...

- Além de Chico que mora na Toca em Vila Velha, quais dos seus tios ainda estão vivos ?

- Não sei se o senhor teve oportunidade de conhecer tio Antonio que faleceu em 1931 com 33 anos... era muito moço ! Ainda estão vivos Maria da Penha,



que mora em Vitória, e Demétrio... me disseram que está no Paraná...

A conversa se estendeu até chegarmos à cidade de Vitória, atingida cêrca das 17,00 horas. Deixou-me à porta do Hotel Tabajara, no centro da cidade. Agradei muito a sua companhia, estimei conhecê-lo e nos despedimos. Infelizmente nunca mais tive oportunidade de encontra-lo novamente.

O velho trem "Maria Fumaça" no qual eu estava viajando, só chegou a Vitória às 21.00 horas. Naturalmente era o espírito do meu avô que estava me auxiliando naquela primeira viagem que eu fazia àquela terra.

\* \* \*

No domingo, 8 de outubro de 1944, decidi ir ao encontro dos membros da família que moravam em Vila Velha. Eu não sabia onde moravam, porém achei que não seria difícil encontrar alguém que me informasse. Como eu ainda não conhecia o caminho, resolvi tomar um taxi. Desci na parte central de Vila Velha, uma praça, e perguntei a uma das pessoas que ali se encontrava, se sabia onde morava Dona Nenzinha, viuva de Elias Ferreira Coelho, e, sem surpresa de minha parte, obtive logo a informação: Rua D. Jorge Menezes 1301. Recebeu-me com muita alegria, acompanhada de sua filha Beatriz, que eu ainda não conhecia. Maria do Carmo não estava em casa, e Maria Estefânia (Mariinha) surgiu pouco depois com o seu marido Olympio Siqueira Rangel, e o filho Olympio com cêrca de um mês de idade. Também estava em sua casa, Luiz Manoel Vellozo, marido de Maria Luiza dos Santos Vellozo (Lulu), neta de Ferreira Coelho.

No domingo seguinte, já conhecendo o caminho, fui conhecer a famosa Toca onde morava meu tio Francisco Ferreira Coelho e sua família. A casa já não era a mesma, mas o terreno que a ela pertencia era tão grande que poderia ser dividido em centenas de lotes. Tio Chico, na generosidade peculiar aos filhos do Desembargador, disse para mim:

- Fernando, escolhe um pedaço desta terra ao seu gosto, mande cercar e eu lhe dou de presente !

Fiquei comovido com sua oferta. Naquela ocasião tio Chico enxergava muito pouco e me constrangeu aceitar a sua magnânima dádiva. Respondi:

- Muito obrigado tio Chico, mas, eu não tenho condições de manter um terreno em Vila Velha, pois, periodicamente o Exército muda o meu lugar de trabalho...

- Com alguma sorte, consegui, em dezembro do mesmo ano, uma casa para morar, no bairro de Jucutuquara, na rua General Guaraná, e pude transferir para lá a minha família que estava no Riode Janeiro. Ali, eu, Odette, e nossas filhas Lúcia e Lenita, permanecemos até fevereiro de 1946, quando fui transferido novamente para a capital da República.

\* \* \*

Em setembro de 1960, ocorreu a data do centenário do nascimento de ANTONIO FERREIRA COELHO. Além das homenagens que lhes foram prestadas, nesta data, no Espírito Santo; no Rio de Janeiro, o Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil realizou uma sessão solene com o fim de comemorar o evento. e teve a delicadeza de convidar os membros da família Ferreira Coelho que moravam no Rio, para assisti-la.

Dois Desembargadores, cujos nomes, infelizmente, minha memória não guardou, dissertaram sobre sua obra e sua personalidade profissional. Ao fim da cerimônia, o Desembargador que a presidia, ofereceu a palavra para qualquer pessoa que desejasse falar sobre ANTONIO FERREIRA COELHO.

Como eu era o mais velho de seus descendentes, presentes à cerimônia, vim-me na obrigação de dizer alguma coisa e agradecer a homenagem, em nome da fa-



milia. Para não ficar um simples e frio agradecimento, resolvi dizer alguma coisa sôbre a atuação de meu avô, como chefe de sua família; e, tanto quanto me ajudaram, a memória e os meus modestos dons de orador, comecei a dissertar citando fatos, alguns dos quais constam dêste trabalho. Embora feitas de improviso, senti que minhas palavras tinham sido bem recebidas, ora com emoção e ora com sorrisos. E delicadamente me aplaudiram... pois não iriam deixar constangido, um Tenente-Coronel do Exército, neto do homenageado...

\* \* \*

No princípio de 1971, eu, General de Divisão, já na reserva, estava nas funções de Chefe do Gabinete do Conselho Nacional do Petróleo, dirigido pelo General Araken de Oliveira. Era Presidente da República o General de Exército R/1, Emilio Garrastazu Médici e tinha sido eleito para governar o Estado do Espírito Santo, a partir de 15 de março, o Engenheiro Arthur Carlos Gerhardt Santos, casado com Maria Clementina Vellozo Santos, bisneta de ANTONIO FERREIRA COELHO, conhecida como "Memento", filha de sua neta Maria Luiza.

Com muita surpresa, recebi de Arthur Carlos o convite para ocupar o cargo de Secretário de Estado da Segurança Pública, durante o seu governo. Senti-me honrado com o convite, mas, disse-lhe que eu não poderia aceita-lo uma vez que não desejava deixar as funções que estava exercendo no Conselho Nacional do Petróleo. Arthur não concordou com a minha recusa e insistiu no convite dizendo que não tinha outra pessoa que fôsse de sua confiança para exercer a função, que êle julgava delicada e difícil. Respondi que iria pensar no assunto, mas, na realidade, não estava com a menor vontade de aceitar o cargo. Indiquei outros nomes para êle; respondeu-me que somente eu era de sua confiança.

Constrangia-me a recusa, pois eu sabia que o cargo de Secretário de Segurança Pública de qualquer Estado, é sempre difícil de ser exercido, não só pelas injunções políticas, como pela deficiência de pessoal e material nas organizações que ficam sob o seu controle: Polícia Civil, Polícia Militar, Departamento de Trânsito, Corpo de Bombeiros e Instituto Médico Legal. O Espírito Santo não era um Estado rico, e, mesmo nos Estados com mais recursos, os órgãos destinados à segurança pública são eivados de deficiências.

Acrescia ainda que eu era apolítico e tinha certeza que iria receber, de congressistas e políticos locais, tôda a sorte de pedidos e pressões, que con-turbariam a eficiência do trabalho. O Governador me prometia "carta branca" no exercício da função, mas eu duvidava que êle pudesse manter a promessa.

A pressão da família começou a se fazer sentir para que eu aceitasse o cargo; até minha mulher já se interessava pelo assunto. Certo dia em que comen-távamos o fato, ela me disse:

- Você já imaginou a cara do Desembargador, seu avô FERREIRA COELHO, se estivesse vivo, vendo você como Secretário de Segurança em Vitória?... Já imaginou o sorriso que estaria estampado no rôsto de seu pai?... Êles amavam aque-la terra...

Eu sorri e respondi:

- Isto é chantagem emocional !

E foi assim que acabei aceitando o cargo, assumido a 26 de maio de 1971, em condequência do Decreto 602 P do Governador do Estado.

\* \* \*

Os fatos aqui citados, que fizeram parte de minha vida, não tiveram outra intenção, senão a de demonstrar a influência exercida pelo respeito e pelo amor que dedicávamos ao muito querido Desembargador ANTONIO FERREIRA COELHO nosso inesquecível avô. Já são decorridos 63 anos do dia em que Deus o chamou,



para sua companhia, mas a lembrança do amor que Ele dedicou à sua família, os exemplos de sua vida envolvida em profícuo trabalho, a honestidade de seus propósitos em benefício de seu povo, a serenidade de seus julgamentos, são legados imperecíveis na memória de seus descendentes mais próximos.

Para dar maior valor a êste trabalho, na minha deficiência para descrever o grande homem que foi ANTONIO FERREIRA COELHO, valho-me novamente das palavras de Paes Barreto Filho em seu discurso:

"A obra jurídica de Ferreira Coelho é majestosa. Avulta pela sua marcante projeção o "Código Civil, comparado, comentado e analisado" que o sagrou jurista dos mais eminentes do país, sendo comparavel, pelo fundo e pela forma, ao trabalho de TROP LONG com relação ao Código de Napoleão."

"Essa obra gigantesca escrita numa época em que civilistas eméritos da estampa de Clovis Beviláqua, Lacerda de Almeida, João Luiz Alves e tantos outros se destacavam no cenário jurídico da Nação, evidencia a flagrancia, o valor do trabalho realizado."

"Ninguém o ofuscou."

"O Código Civil comparado comentado e analisado, êsse trabalho que o absorveu durante seis lustros, vencendo tôda a sorte de dificuldades e impêdimentos que se lhe antepunham, é uma amostra da indômita fôrça de vontade, da envergadura excepcional, dêsse homem excepcional."

"Parece que êle sabia com La Rochefoucauld, que nada é impossível ao homem valoroso. Projetou e realizou obra monumental que começa com a história da formação do Direito Positivo estrangeiro dêsse os tempos mais afastados e abraça com desenvolvimento notável, o Direito do Brasil, nas suas três grandes fases: Colônia, Império, e República.

"Ali se encontra tôda a gênese e formação do nosso Direito Civil. E cada artigo do Código é exaustivamente examinado à luz do elemento histórico e do Direito comparado para depois ser comentado e analisado."

Os artigos do Código, baseado na Lei nº 3071 de 1º de janeiro de 1916 emendado pelo Decreto Legislativo nº 3725 de 15 de janeiro de 1919, eram comparados com o Direito estrangeiro, os projetos anteriores não aceitos e o Direito brasileiro anteriores à promulgação do Código; estudado em sua gênese, pelo projeto primitivo que lhe serviu de base com tôda a elaboração até a sua promulgação e as últimas correções. comentado e analisado de acôrdo com princípios universalmente aceitos e com as opiniões dos publicistas mais acatados, pela maioria dos cultores de Direito.

Terminando seu discurso, Paes Barreto Filho cita algumas opiniões de pessoas ilustres sôbre a obra de FERREIRA COELHO:

"O ilustre EPITACIO PESSÔA, que duvidava da realização da obra planejada, tal a sua amplitude,, reconheceu que "às nossas letras jurídicas se incorporou o mais completo e erudito estudo que vale por uma biblioteca opulenta, " notando que "a sua corágem, a sua tenacidade, o seu patriotismo, servidos por abalisada competência e critério jurídico de primeira ordem, estão erigindo, nos domínios do Direito Civil, um monumento imperecível; uma vez terminado êste monumento, a par de um título de glória para o seu A., será também um guia seguro para todos os que exploram êsse veio precioso do saber humano e um testemunho decisivo da profundidade e sisudez que o seu cultivo já atingiu entre nós."

"O jurista filósofo, o sábio CLOVIS BEVILAQUA, reconhecendo a inestimável utilidade da obra disse: "você nos dá, a propósito de cada artigo do Código: com a discussão que o motivou, e indicando as raízes próximas e remotas, de onde ela procede; as disposições correspondentes do Direito estrangeiro, dêsse

o Direito Romano até os mais modernos Códigos Civis que veem citados integralmente na própria língua em que foram escritos; e uma análise percuciente e erudita em que as opiniões dos mestres são apreciadas com o critério e a competência que todos lhe reconhecemos. Assim, o seu Código, comparado, comentado e analisado, é desses livros que nunca se gabam suficientemente, tamanha é a sua vantagem para os que estudam e tão grande é a soma de esforços, que tem o A. de desenvolver para o produzir.

" Um jurisconsulto platino, A. COLMO, assim se manifestou: "En estos dias recebi el tomo XXI de su obra de romanos sobre el codigo civil de su hermoso pais. De usted podria decir-se lo que del romano: crescit eundo. El obrero meticoloso, afanoso e infatigable va cobrando fuerzas de su propia accion, que parece le sirviera de estimulo e tonico"

" E THIERS VELLOSO, de grata memória, frisou que "o serviço prestado aos nossos círculos profissionais pelo operoso jurisconsulto pátrio, é" daqueles que não precisam encarecer, sobretudo pela pureza de doutrina, correição de linguagem e austeridade de princípios que dominam essa parte notabilíssima do Direito Privado."

"O professor JOAQUIM AMAZONAS, depois de se esternar longamente sobre o trabalho, o classifica como o maior que se tem publicado e que difficilmente se rá igualado".

Finalizando o seu discurso, diz PAES BARRETO FILHO: "Os homens morrem, mas alguns descem à sepultura enquanto que outros não desaparecem de todo da face da terra, ficam gravados indelêvelmente no sagrado panteon das grandes efigies nacionais."

O então Presidente da Academia Espírito-Santense de Letras, EURIPEDES QUEIROZ DO VALLE, apreciando o discurso de Paes Barreto Filho disse: ANTONIO FERREIRA COELHO que nos legou êsse imperecível monumento que é o CÓDIGO CIVIL COMPARADO, COMENTADO E ANALISADO, infelizmente inacabado e ainda no seu 18º volume, encontrou na mocidade esplêndida de Paes Barreto Filho, o seu mais curioso biógrafo."

"No seu discurso de posse, o perfil dêsse grande jurista patricio apparece vivo e palpitante, esbatido pela tessitura finíssima de seu estilo forte e colorido."

"A Academia Espírito-Santense de Letras revive na palavra de PAES BARRETO FILHO, a figura fidalga do varão ilustre que tanto honrou a magistratura e as letras de nossa terra."

\* \* \*

Nós nunca soubemos quantos volumes da obra de meu avô, chegaram a ser publicados; somente meu pai estava a par das edições, mas, faleceu seis anos depois de seu pai. Discordo porém, de Euripedes Queiroz do Valle que limitou sua obra a 18 volumes, quando o jurista platino A. COLMO, acima citado, acusa o recebimento do tomo XXI da referida obra.

Ao publicar o primeiro volume de seu trabalho, FERREIRA COELHO apresenta uma "Explicação Necessária" dizendo: "Cumpro hoje o dever que a mim mesmo me impuz de reunir em uma só obra, tudo quanto tenho escripto sobre Direito Civil e que enche, em manuscriptos algumas prateleiras de minha bibliotheca."

"Desordenados como estavam os diversos trabalhos sobre os varios institutos de Direito, seriam certamente atirados ao fogo ou à valla do lixo, quando os meus sucessores tivessem de fazer a selecção no amontoado de alfarrabios, que me deleitam a vida.



"Em varios cadernos está manifestada, desde muito, a idéa de dar à minha Pátria uma obra systematisada sobre o nosso Direito Civil. Atormenta-me o receio de que os meus filhos digam, parodiando Joaquim Nabuco: "O que demonstra a massa de apontamentos de toda ordem deixados" por meu pae "è que elle ao falacer, tinha mentalmente terminado a sua obra". (Um Estadista do Imperio - Nabuco de Araujo - Volume III pg. 528)

Effectivamente isto aconteceria, se eu não tomasse a resolução de coordenar e systematisar os meus escriptos sobre Direito Civil, amparando-os com a concretisação mascula do direito moderno expressa no CODIGO CIVIL DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL."

"O trabalho de coordenação está feito, resta a sua publicação, para a qual estão empenhados todos os meus esforços."

"Para aproveitar a maioria dos manuscriptos adoptei na Obra, cuja publicação começa, uma fórmula complexa de comparação, historia, comentario e analyse."

Em seguida FERREIRA COELHO passa a descrever o programa de seu trabalho e termina sua explicação dizendo:

"Realizando este programma, estou certo, aproveitarei grande parte de meu trabalho esparso, em proveito da grande obra da civilisação humana, com o emprego de todo o meu esforço pelo engrandecimento do Brasil. Setembro de 1918 A. Ferreira Coelho "

Também estão no primeiro volume o nome das pessoas as quais FERREIRA COELHO dedicou o seu trabalho:

- À memoria de meus Paes JOSÉ FERREIRA COELHO e D. EMILIA LEOPOLDINA DA SILVA COELHO, preito de reconhecimento pela minha formação.

- À minha mulher D. MARIA CATHARINA BRANDÃO COELHO, pelo carinho com que me anima nas lutas da vida.

- Aos meus filhos, a quem pertencem todos os productos de minhas lucubrações. Saibam elles aproveitá-los, com a mesma segurança de vistas, com que foram adquiridos os respectivos factores. Deus os guie.

- Aos meus amigos, que auxiliaram-me na organização desta Obra, e muito especialmente ao companheiro, de, ha quasi seis lustros, Antero Pinto de Almeida, que, em intimidade fraternal, animou-me, concorrendo não só com os elementos abundantes de seu peregrino talento, como com os factores materiaes para a publicação deste trabalho, pertencem os louros, se houver.

- Sob a protecção do talentoso e illustrado D. BENEDICTO PAULO ALVES DE SOUZA, carinhoso e muito amado Bispo do Espirito Santo.

\* \* \*

A "Inquietação intelectual de Ferreira Coelho", título feliz que Paes Barreto Filho deu à sua dissertação semi-biográfica do Desembargador meu avô era um fato verdadeiro, e, como era natural, esta inquietação transferiu-se geneticamente para muitos de seus descendentes. Embora eu tenha me formado na Escola Militar, ali tive que estudar Direito, pois fazia parte do currículo escolar. Na minha vida profissional tive que exercer funções de Juiz nos Conselhos de Justiça das Auditorias Militares. Várias vezes tive que atuar como Juiz nos Conselhos de Justiça das Unidades onde servi, ou atuar como Advogado de Defesa de militares que iam ser julgados.

Dos vinte e cinco netos de ANTONIO FERREIRA COELHO, somente Antonio Luiz Ferreira Coelho, meu irmão, formou-se em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e exerceu as funções de Procurador de Justiça, como funcionário do Estado.

Embora eu tenha organizado a árvore genealógica de meus avós, ANTONIO FERREIRA COELHO E MARIA CATHARINA BRANDÃO COELHO, a falta de informações não me permite afirmar o número de todos os seus descendentes e as profissões dos que já atingiram a idade para exercê-las. Sei que poucos seguiram a carreira de Direito, talvez movidos pela "inquietação intelectual" herdada de sua origem...

Em Brasília, DF, exerce sua profissão de Advogado, Tania Cismonti Ferreira Coelho, bisneta do Desembargador, filha de seu neto Antonio Luiz. Em Vitória, exercem a advocacia: Oswaldo Horta Aguirre Filho, seu bisneto, filho de Maria do Carmo Coelho Aguirre e Oswaldo Horta Aguirre, que foi Juiz Federal em Vitória; e seu trineto Fernando Coelho Madeira de Freitas, meu neto, filho de Lucia Ferreira Coelho Madeira de Freitas e João Claudino de Oliveira Madeira de Freitas. Em Niterói, RJ, exerce a profissão de Defensor Público, Roberto Luiz Ferreira Santos, seu bisneto, filho de Maria Thereza Coelho Ferreira Santos e de Edgard Faria Santos, Odontologista.

Os descendentes de FERREIRA COELHO não deslustraram a sua origem. Muitos mereciam ser citados neste trabalho, mas, este é um resumo da vida de meu avô, não dos seus descendentes. Fazendo uma exceção, encerrando o assunto, falo de Luiz Paulo Vellozo Lucas, filho de sua bisneta Maria José Vellozo Lucas e de Laercio de Almeida Lucas, Odontologista. Luiz Paulo ocupava o cargo de Secretário de Acompanhamento Econômico do Governo de Fernando Henrique Cardoso. Pelas funções que exercia, os jornais não se cansavam de publicar suas declarações e estampar sua fisionomia, no ingrato dever de manter o equilíbrio dos preços para segurar o valor do REAL. Saindo da rotina, a repórter Eliane Oliveira, dizia dele, no "O Globo" de 14 de outubro de 95: "Chapéu panamá, óculos escuros, charuto e violão na mão. É assim que o Secretário de Acompanhamento Econômico, Luiz Paulo Vellozo Lucas gosta de ficar quando está longe das pressões do dia-a-dia do Governo. Fica parecendo outra pessoa..."

A notícia da repórter Eliane Oliveira despertou em minha memória, o tempo em que havia reuniões de meu pai com seus irmãos, sempre transformadas em pequenas festas onde não faltavam violões na mão e charutos para animar o ambiente...

Luiz Paulo Vellozo Lucas deixou recentemente suas funções no Governo para candidatar-se a Prefeito de Vitória, sua terra natal.

Na ânsia de progredir, na luta pela vida e por seus ideais, os descendentes de FERREIRA COELHO espalharam-se Brasil afóra e foram até mais longe. Atualmente podem ser encontrados em Belem, PA; Porto Velho, RO; Recife, PE; em Vitória e Vila Velha, ES; no Rio de Janeiro, Niterói e Macaé, RJ; em Santos e São Paulo, SP; em Campo Largo, PR; em Brasília, DF, e, até mesmo na Itália, próximo à cidade de Parma, onde estão sua trineta Roseanna Coelho Madeira de Freitas com sua filha a tetraneta Serena Veronese.

Aqui termino esta breve história do meu saudoso avô. Conheci quase todos que já partiram e conheço a maior parte de seus descendentes, muitos dos quais eu teria histórias para contar, se coubesse aqui falar de todos eles. Mas, essa seria outra história, que talvez venha a ser escrita por outro de seus descendentes, pois não creio que me reste tempo para trabalho de tal envergadura.

Rio de Janeiro, junho de 1996

*Fernando Santos Ferreira Coelho (1911)*

Fernando Santos Ferreira Coelho  
General de Divisão Reformado